



MÁRCIA NEDER

Criança não dá show sem plateia



Por: Lucas Vasques
Fotos: Ivo Vicentim - Neopix Fotografia

Em seu mais recente livro, a psicanalista Márcia Neder aborda o comportamento tirânico das crianças em relação aos adultos e a mudança no perfil familiar, que tinha o poder concentrado nas mãos do pai, passando hoje para o filho

De alguns anos para cá, vêm ocorrendo enormes transformações no que se refere ao relacionamento entre pais e filhos. O comportamento tirânico das crianças, tendência nova no universo familiar, acaba por contribuir para uma troca na hierarquia da casa. Hoje, em muitos casos, os filhos mandam nos pais.

A psicanalista Márcia Neder, estudiosa do tema, acaba de lançar seu mais recente livro, intitulado *Déspotas mirins. O poder nas novas famílias*, onde aborda essas questões e como lidar com o novo poder nas mãos das crianças. Ela não perdoa os pais pela situação. "Esse comportamento tirânico dos filhos afaga a vaidade dos pais; são eles que concedem aos filhos a prerrogativa para transgredir, porque

isso os inunda de orgulho. A criança, simplesmente, é um ser humano e, como tal, sujeita a ser dominada por todas as suas paixões. O problema é que os adultos não querem vê-la assim." Márcia é pós-doutorada e doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Educação da USP (NUPPE), professora convidada da PUC-RJ, além de psicanalista supervisora da Escola Favinho de Mel, no Rio de Janeiro. Além do livro *Déspotas mirins. O poder nas novas famílias*, ela é autora de *Psicanálise e Educação. Laços refeitos; A arte de formar: o feminino, o infantil e o epistemológico*; e *Édipo tirano: o feminino e o poder nas novas famílias*.

Lucas Vasques é jornalista, colaborador desta publicação



EM SEU NOVO LIVRO, *DÉSPOTAS MIRINS. O PODER NAS NOVAS FAMÍLIAS*, VOCÊ VOLTA A ABORDAR A QUESTÃO DO REINADO IMPOSTO PELA CRIANÇA À PRÓPRIA FAMÍLIA, CHEGANDO, INCLUSIVE, A DITAR O COMPORTAMENTO DOS ADULTOS, EXIGINDO QUE TODAS AS SUAS VONTADES SEJAM FEITAS. PODERIA EXPLICAR COMO FUNCIONA ESSE MODELO DE COMPORTAMENTO INFANTIL, POR QUE ACONTECE E SE DEPENDE DA FORMA DE CRIAÇÃO DOS PAIS?

MÁRCIA – Trata-se de um reinado imposto pela criança à própria família, mas – e isso é essencial – também concedido pelos adultos que criam a criança. Esse comportamento infantil é pró-

Esse comportamento infantil é próprio de uma cultura que eu chamo de “pedocêntrica” e a qual nós chegamos no século XXI, uma cultura que cultua a criança de uma forma jamais vista

prio de uma cultura que eu chamo de “pedocêntrica”, e a qual nós chegamos no século XXI, uma cultura que cultua a criança de uma forma jamais vista. É claro que, como outros aspectos da cultura, esse culto ao seu soberano – a criança, o filho – pode ou não ser apropriado e reproduzido pelas famílias.

ESSA FALTA DE LIMITE NAS CRIANÇAS LEVOU VOCÊ A CRIAR O TERMO “PEDOCRACIA”, QUE REPRESENTA ESSA NOVA FORMA DE HIERARQUIA FAMILIAR, ONDE OS FILHOS MANDAM NOS PAIS?

MÁRCIA – Exatamente. O que acontece é o seguinte: pelo menos durante dois mil anos quem mandou na família foi o pai. Foi assim desde o início da era cristã – para ficarmos somente nesse período da história da nossa cultura – até o início da modernidade. O pai da antiguidade romana, o pai do Direito Romano (que é a base do estatuto jurídico do pai em nossa cultura) é o *paterfamilias*. Ele detém o poder absoluto, que é o poder de vida e morte sobre o filho – tanto faz se ele acabou de nascer, se tem 3 ou 50 anos. Ao longo do século XX nós assistimos à despatriarcalização da família e, com ela, a criança passou à condição de detentora do poder, que, até então, esteve com o pai. Ora, isso faz do adulto o súdito da criança. Fui obrigada a inventar esse nome, que não existe em nossos dicionários, como se fosse impensável entre nós um regime social em que o poder está concentrado nas mãos da criança e não mais no pai, como sempre esteve no patriarcado. São essas as nossas crianças sem limites do século XXI, a quem chamo de *déspotas mirins*.

ESSE É UM FENÔMENO QUE PODEMOS DIZER QUE É RECENTE OU SEMPRE HOUVE O TIPO DE COMPORTAMENTO DITATORIAL POR PARTE DAS CRIANÇAS EM RELAÇÃO A PAIS E AVÓS? ISSO REPRESENTA UMA EXCESSIVA VALORIZAÇÃO INFANTIL NO MUNDO MODERNO?

MÁRCIA – Na família moderna, que é a família que começa a surgir por volta do século XVIII e se difunde no século



XIX, é o filho que ocupa a posição central antes ocupada pelo pai. E, mais do que isso, essa família moderna se caracteriza por centrar-se não só na criança, mas também no amor pela criança, e é esse sentimento novo que atribui à criança essa posição privilegiada, que nos levará à pedocracia no final do século XX. No livro *Déspotas mirins. O poder nas novas famílias*, eu mostro que essa valorização da criança é absolutamente inédita na história do Ocidente. Desde os primeiros tempos da nossa era cristã e até o início do século XVIII predominou uma imagem da criança como um ser essencialmente maligno, que inspirava muito mais repulsa e temor do que amor. Vale lembrar que o infanticídio foi proibido muito tardiamente e, ainda assim, permaneceu tolerado sob formas disfarçadas até o século XVII. Foi só a partir do século XVIII que a criança passou a ser vista como esse ser angelical, inocente e puro como nós a concebemos até hoje e como Rousseau a apresentou no seu livro *Emílio, ou Da Educação*.



Desde os primeiros tempos da era cristã e até o início do século XVIII predominou uma imagem da criança como um ser essencialmente maligno, que inspirava mais repulsa do que amor

EM QUE LOCAL AS CRIANÇAS MANIFESTAM MAIS OS DESEJOS EXACERBADOS E ESSE PODER, NO AMBIENTE FAMILIAR, MANDANDO EFETIVAMENTE NA ROTINA DA CASA E DOS PAIS, OU NA RUA, EM SHOPPINGS, POR EXEMPLO, QUANDO PEDEM PARA QUE COMPREM TUDO O QUE DESEJAM, USANDO UMA FORMA DE CHANTAGEM? **MÁRCIA** – Em qualquer lugar que lhe deem espaço. Criança não dá show sem plateia. Logo, vai encenar seu espetáculo onde ela perceber que sua performance dá ibope, que tem audiência para seus chilikés. Aliás, também abordo em *Déspotas mirins. O poder nas novas famílias* essa questão da ampliação astronômica do mercado consumidor desse lado das crianças.

ESSE COMPORTAMENTO É RESTRITO ÀS CLASSES ECONÔMICAS MAIS FAVORECIDAS OU HOJE ISSO ACONTECE, TAMBÉM, COM OS FILHOS DE QUEM VIVE EM COMUNIDADES MAIS CARENTES?

MÁRCIA – A infância não é a mesma em todas as classes sociais. Também poderia dizer que nem todas as crianças têm direito à infância – a isso que nós conhecemos como infância. Crianças – isto é, seres cronologicamente mais novos – de famílias pobres podem ser precocemente envolvidas com o mundo do trabalho e das responsabilidades adultas, como cuidar dos irmãos mais novos e do sustento da família. Mesmo assim, o

despotismo está longe de ser uma manifestação de classe social, como nós vemos nos relatos do cotidiano de professores de comunidades carentes e de favelas, bem como nas páginas dos jornais, mostrando que crianças muito novas já estão envolvidas com a criminalidade e a formação de gangues. O que é isso senão uma das manifestações do mesmo despotismo infantojuvenil e do exercício do poder, doa a quem doer?



O despotismo está longe de ser uma manifestação de classe social, como vemos no cotidiano de professores de comunidades carentes e nos jornais, mostrando crianças muito novas envolvidas com a criminalidade

POR QUE BOA PARTE DOS ADULTOS REAGE COM PERMISSIVIDADE OU INÉRCIA DIANTE DESSAS MANIFESTAÇÕES DAS CRIANÇAS?

MÁRCIA – Por um conjunto complexo de motivações. Por causa da pedocracia em que vivemos e, também, porque esse comportamento tirânico dos filhos

afaga a vaidade dos pais; são eles que concedem aos filhos a prerrogativa para transgredir, porque isso os inunda de orgulho. No meu livro mais recente explico isso em detalhes. A permissividade com que tratam os filhos – e com a qual exigem que sejam tratados –,

a sua falta de limites são uma espécie de brasão de família, uma insígnia de nobreza e de poderio. Por isso, os pais costumam receber com hostilidade (nem sempre disfarçada) a recusa de escolas e professores de respeitar essas prerrogativas desses pequenos imperadores.

É VERDADEIRO DIZER QUE OS PAIS ESTÃO CONFUSOS E DESORIENTADOS, ATUALMENTE, EM RELAÇÃO À MANEIRA DE SE RELACIONAR COM OS FILHOS E EM COMO ORIENTÁ-LOS PARA QUE SE TORNEM ADULTOS SOCIALMENTE INSERIDOS?

MÁRCIA – Sim. A criança nasce e cresce num contexto formado por pai, mãe e filho e inteiramente centrado no poder do pai. Hoje, a criança nasce numa família que pode ser formada só por um adulto – a família monoparental ou produção independente –, por dois adultos do mesmo sexo – a homoparental – ou, ainda, por adultos diferentes daqueles que a geraram – a multiparental. Todas essas famílias diferentes podem partilhar a mesma característica comum da nossa época: a pedocracia, o poder magnetizado pelo amor compulsório que devemos à criança. Lá pelo século XVIII a mãe começou a ser convocada a ser uma boa mãe, o que significava, por exemplo, amamentar seu filho ao invés de entregá-lo para a ama (que o levava para sua casa por anos). A partir daí, novas exigências foram impostas à mãe, e o império da criança se expandiu a ponto de transformar a mãe num verdadeiro súdito de sua majestade. A maternidade foi exaltada como um sacerdócio que, como todo sacerdócio, implica dores, renúncia, sacrifício de si. A mãe deveria, cada vez mais, dedicar a seu filho todas as horas do seu dia. Daí a culpa da mãe que vai trabalhar – pior ainda se vai por seu deleite e prazer e não pela urgência econômica. Imagine a culpa da mãe que deixa o filho para usufruir algum prazer na vida, como ir ao shopping, à academia, ao cinema ou encontrar amigos em vez de padecer no paraíso. Uma questão

fundamental colocada pela pedocracia é: em que condições o súdito pode educar seu soberano?

MUITOS PROFESSORES SÃO INSULTADOS E ATÉ AGREDIDOS POR ALUNOS DE TODAS AS IDADES. ESSE PROCESSO, ATÉ MESMO VIOLENTO, QUE EXISTE EM RELAÇÃO AOS PAIS SE TRANSFERE PARA A ESCOLA E ATINGE OS PROFESSORES?

MÁRCIA – A questão da violência na escola tem várias ramificações. Mas no contexto da nossa conversa ela está diretamente ligada a essa soberania concedida pelos adultos à criança. Essa é uma questão muito séria no nosso país, que abordo no livro, pois aqui, em terras tupiniquins, delegamos os cuidados

da criança à empregada doméstica. Veja o absurdo da situação: desde o berço, as crianças estão autorizadas a exercer, livremente, sua soberania sobre esses adultos. É essa inversão da hierarquia que eles levarão também para a escola, caso os pais não estejam atentos para o problema.

NÃO IMPOR LIMITES AOS FILHOS É UMA FORMA DE MASCARAR O AMBIENTE FAMILIAR, OU SEJA, DEIXÁ-LO ARTIFICIALMENTE HARMONIOSO E SAUDÁVEL?

MÁRCIA – Sim, o que pode satisfazer temporariamente o narcisismo dos pais – “lá em casa não tem esse clima hostil”. Mas um dia a casa cai.

A permissividade é uma espécie de brasão de família, uma insígnia de nobreza e de poderio. Por isso, os pais costumam receber com hostilidade a recusa de escolas de respeitar as prerrogativas dos pequenos imperadores

VOCÊ CRITICA A CONCEPÇÃO LACANIANA SOBRE AS FUNÇÕES MATERNA E PATERNA, MOSTRANDO QUE ESSA SEPARAÇÃO PROLONGA A IDEOLOGIA PATRIARCAL, QUE IDENTIFICA O MASCULINO COM O PODER E O FEMININO COM A CARNE. PODERIA EXPLICAR MELHOR?

MÁRCIA – Na família patriarcal a posição do pai é fundamental, determinando uma hierarquia rígida entre os membros da família: nessa organização o poder é paterno. O que é o mesmo que dizer que o poder é uma prerrogativa exclusiva do *pater* – do homem. E que é necessário separar o que é *pater* (o poder) do que é *mater* (a fecundidade). Essa identificação do masculino com o poder e do feminino com a sexualidade é muito antiga, já existia entre os gregos. É curioso ver como os psicanalistas e psicólogos tentam prolongar essa ideologia patriarcal, separando uma função paterna (o poder, mesmo que exercido por uma mulher) de uma função materna (o desejo pelo filho). É por essa mesma teorização, ou essa mesma ideologia separatista, que uma mulher com poder é considerada masculina – os psicanalistas a chamam de “fálica”. Se considerarmos o poder uma prerrogativa viril, masculina, essa é a conclusão inevitável. Nesse livro desenvolvo





extensamente esse ponto, mostrando como as novas famílias destroem essa ideologia patriarcal.

NOS TEMPOS ATUAIS, AINDA É POSSÍVEL DIZER QUE A INFÂNCIA É A ÉPOCA MAIS FELIZ DA VIDA DA PESSOA, COMO OUVÍAMOS HÁ MUITO TEMPO?

MÁRCIA – Essa idealização da criança faz parte do pacote da modernidade. A criança passou a ser idealizada como um ser inteiramente devotado à felicidade e avessa a dores, sofrimentos, inquietações. Idealizamos a infância como um paraíso perdido e esquecemos que no paraíso só podemos chegar mortos.

COMO ISSO É POSSÍVEL SE NA INFÂNCIA EXPERIMENTAMOS SOFRIMENTOS E SENTIMENTOS NOVOS QUE NÃO SÃO NADA AGRADÁVEIS, COMO REJEIÇÃO, PERDA ETC.?

MÁRCIA – Isso é possível graças à negação, dissociação, projeção, idealização, enfim, mecanismos psíquicos inconscientes descritos por Freud.

ESSES SOFRIMENTOS FAZEM PARTE DO CRESCIMENTO E DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA OU PODEM E DEVEM SER EVITADOS?

MÁRCIA – Não há como evitar o sofrimento nem na criança nem no adulto. Essa mesma ideologia, que recusa o sofrimento na criança, também se estende ao adulto na distribuição intensa das pílulas da felicidade em forma de tarja preta e de drogas anestésicas lícitas e ilícitas consumidas em escala assustadora no século XXI. Vivemos numa sociedade que recusa a dor. Como evitar a angústia inerente à vida e, no caso da criança, por exemplo, a angústia do abandono e da separação que ela vive, inevitavelmente, com chegada de um invasor na família, a volta da mãe ao trabalho ou a sua entrada na escola? Como tenho dito e escrito há anos, é para amenizar essa angústia de separação, também vivida e revivida pela mãe e pelo pai, que a criança chama de “tia” a professora, aproximando, assim, esse mundo extrafamiliar do seu reino familiar.

Os contos de fadas, que ainda não foram mutilados pelo politicamente correto, estão muito mais próximos da existência humana do que jamais poderíamos imaginar, e são fundamentais para a criança elaborar seus conflitos

O SOFRIMENTO É UMA FORMA DE PREPARAR A CRIANÇA PARA O MUNDO REAL E UMA MANEIRA DE NÃO POUPÁ-LA DO QUE VAI ENCONTRAR PELA FRENTE?

MÁRCIA – Não vejo o sofrimento como uma forma de preparar ou ensinar nada à criança. É algo que simplesmente é, que simplesmente existe, faz parte do kit da vida, junto com a alegria e o prazer.

OS DRAMAS EXISTENCIAIS REALMENTE COMEÇAM NA INFÂNCIA?

MÁRCIA – Olha só: se você pensar na dor do ciúme esse é um drama que começa na infância, como a inveja, a raiva e tantos outros sentimentos e paixões que fazem parte da constituição do ser humano e, portanto, que levaremos dentro de cada um por toda a nossa vida. O que vai mudar é a maneira como vamos lidar com isso.

COMO AS HISTÓRIAS INFANTIS E OS CONTOS DE FADA FUNCIONAM NESSE CENÁRIO? ELES DEVEM SE ATER APENAS AOS ASPECTOS LÚDICOS OU PRECISAM TER UMA FUNÇÃO DE PREPARAÇÃO PARA O QUE A CRIANÇA DEVE ENFRENTAR EM SUA VIDA REAL?

MÁRCIA – Os contos de fadas, que ainda não foram mutilados pela onda do politicamente correto, estão muito mais próximos da existência humana do que jamais poderíamos imaginar e, por si próprios, são fundamentais para a criança elaborar seus conflitos. Por exemplo: *Pele de asno*, de Perrault, do século XVII (1694), é um conto que trata, explicitamente, do incesto entre pai e filha: um rei deseja se casar com a própria filha, depois que sua mulher morre. A versão original de *Pinóquio*, de Carlo Collodi

(1883), terminava tragicamente, com o assassinato do menino de madeira, que queria ser humano e terminava morto por seus dois perseguidores, os homens que o perseguiam pela floresta. Não saberia nem contar quantos são os contos de fadas que começam, justamente, com a morte da mãe ou do pai e vão desenvolvendo as dores dos pequenos heróis que terão que enfrentá-las. Todas essas histórias tratam das angústias típicas do ser humano, desde seu nascimento, e desencadeadas por fantasias que envolvem sua separação em relação aos pais, seus conflitos edípicos e rivalidades fraternas, suas perdas e também suas conquistas.

AS CARACTERÍSTICAS INFANTIS DE INOCÊNCIA E BONDADE EXISTEM MESMO, NA MAIORIA DAS CRIANÇAS, OU SE TRATA APENAS DE UM MITO, UMA VEZ QUE NA ESCOLA MUITOS SOFREM COM O HOJE CHAMADO BULLYING POR PARTE DOS PRÓPRIOS COLEGAS DA MESMA IDADE?

MÁRCIA – Essas características que nós projetamos nos filhos fazem parte daquela criança pura e inocente que nós começamos a inventar lá pelo século XVIII. O bullying é uma das desmistificações dessa criança inteiramente afastada da crueldade. A criança, simplesmente, é um ser humano e, como tal, sujeita a ser dominada por todas as suas paixões. O problema é que os adultos não querem vê-la assim.

DE CERTA FORMA, O BULLYING É INCENTIVADO PELOS ADULTOS, EM FUNÇÃO DA FORMA COM QUE ELES CRIAM OS FILHOS, ALÉM DE SEUS CONCEITOS E VALORES, QUE SÃO TRANSFERIDOS?

MÁRCIA – Sim. Uma coisa é dizer, como

faz a Psicanálise, que a agressividade é inerente ao ser humano. Outra, bem diferente, é afirmar que ela deve ser exercida plenamente, sem qualquer interdição. Mas é isso que muitos pais fazem, porque para eles o filho que bate, morde, xinga está afirmando a sua superioridade sobre os colegas e, mais importante, a superioridade dos próprios pais. Pois é isso o que o bullying evidencia, ou seja, a luta pelo domínio do seu semelhante baseada numa superioridade qualquer – superioridade física, numérica, econômica. Muitos pais estimulam o filho a reagir a uma agressão porque eles próprios a sentem como um ataque ao seu narcisismo, como se a agressão fosse dirigida a eles.

EM RELAÇÃO AINDA À PERVERSIDADE INFANTIL, ESSA CARACTERÍSTICA TEM RELAÇÃO COM A FALTA DE LIMITES? É FATO QUE AS CRIANÇAS HOJE PERDEM A INOCÊNCIA MUITO CEDO E SE TORNAM PERVERSAS PRECOCEMENTE?

MÁRCIA – Em Psicanálise, “perverso” tem um sentido específico e me parece que não é nesse sentido que você está falando, e sim no de crueldade infantil. Para Freud, a crueldade é inerente ao ser humano, tanto quanto seus impulsos amorosos, eróticos, que estão em guerra com os impulsos destrutivos, hostis, em cada ser humano. A criança não tem a consciência de sua maldade, de sua crueldade, a não ser tardiamente. Para nós, angelical e criança

são sinônimos. Só nos filmes de terror é que aceitamos a ideia da criança como fonte do mal. Mas Lúcifer foi um anjo expulso do paraíso e se tornou um habitante das trevas. Isso mostra a ambivalência do anjo, como no título do filme *O anjo malvado*. O anjo pode ser tanto das luzes quanto da escuridão, nossos demônios interiores, a parte sombria do nosso ser. Para Freud, a crueldade é própria não só ao adulto, mas também à criança, embora ela só comece a ter noção do que é certo e do que é errado a partir dos 5 ou 6 anos.

É VERDADEIRO AFIRMAR QUE HÁ UMA GUERRA ENTRE PAIS E FILHOS?

MÁRCIA – Sim, e é uma guerra bem antiga, e a lenda de Édipo, tão central na Psicanálise, encena esse ódio entre pais e filhos. Vejo a história da família como a história dessa guerra entre adultos e crianças, entre pais e filhos, na qual a criança saiu vitoriosa. Por isso, digo que Édipo triunfou sobre pai e mãe.

ESSA GUERRA EXISTE SOMENTE NO SENTIDO FIGURADO, OU TAMBÉM LITERALMENTE, POIS HÁ CADA VEZ MAIS CASOS DE PAIS QUE MATAM OU ABANDONAM FILHOS? COMO É POSSÍVEL TER UM SENTIMENTO DESSE TIPO EM RELAÇÃO A QUEM A PESSOA DEVERIA AMAR MAIS?

MÁRCIA – Porque uma característica psíquica nossa é a ambivalência, isto é, a coexistência de sentimentos amorosos e hostis em relação a uma mesma pessoa. Para Freud, a ambivalência é inerente a todas as relações humanas. Mas, atenção, é preciso distinguir bem o sentimento – o ódio, por exemplo – do comportamento – a destruição do outro. Os sentimentos ambivalentes fazem parte do nosso psiquismo e isso provoca muita dor, já que é doloroso odiar a quem amamos. Mas quem tem o maior poder de nos irritar, traír, decepcionar senão aquele que amamos? Se os sentimentos destrutivos ganham a luta podem transbordar para os comportamentos destrutivos e provocar o efeito no outro.

